

## A CONDIÇÃO FEMININA NO PERÍODO COLONIAL NO ROMANCE HISTÓRICO “CARTA À RAINHA LOUCA”, DE MARIA VALÉRIA REZENDE

### THE FEMALE CONDITION IN THE COLONIAL PERIOD IN THE HISTORICAL ROMANCE “CARTA À RAINHA LOUCA” WRITTEN BY MARIA VALÉRIA REZENDE

Kely Silva de Carvalho

Mestranda em Estudos Literários no Programa de Pós-graduação em Letras e  
Linguística da Faculdade de Letras da UFG.

[kelyscarvalho@gmail.com](mailto:kelyscarvalho@gmail.com)

<http://lattes.cnpq.br/7414971052659509>

<https://orcid.org/0009-0001-3394-3350>

25

---

**Resumo:** Este artigo tem por objetivo analisar e compreender o romance *Carta à Rainha Louca* (2019) da escritora brasileira Maria Valéria Rezende enquanto uma narrativa histórica contemporânea de ficção que retrata a condição feminina no período colonial brasileiro. Para isso, a obra foi interpretada à luz das teorias do romance histórico de Lukács (1936) e, para contrapor as ideias do autor, buscou-se também artigos que tratavam sobre o romance histórico contemporâneo, conforme proposto por Perry Anderson (2007), além das reflexões de Frederic Jameson (2007) sobre as possibilidades do romance histórico na atualidade. E, para compreender a história das mulheres e a condição feminina no passado, buscamos os estudos de Gerda Lerner (2020 e 2022) sobre a criação do patriarcado e também em Michelle Perrot (2007) e Silvia Federici (2017).

**Palavras-chave:** Romance histórico, condição feminina, história das mulheres, literatura brasileira.

**Abstract:** This article aims to analyze and understand the novel *Carta à Rainha Louca* (2019) by Brazilian writer Maria Valéria Rezende as a contemporary historical fiction narrative that portrays the female condition in the Brazilian colonial period. To achieve this, the work was interpreted in light of Lukács' (1936) historical novel theories and, to counter the author's ideas, articles were also sought that dealt with the contemporary historical novel, as proposed by Perry Anderson (2007), in addition to Frederic Jameson's (2007) reflections on the possibilities of historical romance today. And, to understand the history of women and the female condition in the past, we sought out studies by Gerda Lerner (2020 and 2022) on the creation of patriarchy and also by Michelle Perrot (2007) and Silvia Federici (2017).

**Keywords:** Historical romance, feminine condition, women history, Brazilian literature

---

#### Considerações iniciais

### Building the way

Em sua obra *A espécie fabuladora*, Nancy Huston (2010) nos conta que, diferentemente de outras espécies animais, os seres humanos somente apreendem o mundo através das narrativas; são elas que dão sentido à existência humana e ao universo e, sem essas ficções que organizam o caos da realidade em nossas cabeças, a vida humana seria o vazio e o silêncio. “Real-real: ele não existe, para os humanos. Real-ficção apenas, por todos os lados, sempre, uma vez que vivemos no tempo. A narratividade se desenvolveu em nossa espécie como uma técnica de sobrevivência. Ela está inscrita nas próprias circunvoluções do nosso cérebro” (Huston, 2010, p.19).

Não quer dizer que este poder de narrar e que as ficções com as quais entrelaçamos passado e presente sejam todas histórias de um não-real; ao contrário, é por essas narrativas que o “real humano” existe, e é através delas que conseguimos ordenar o mundo. Nesse sentido, como a autora traz, a nossa própria memória é uma ficção, não significando que seja falsa ou mentirosa, mas sim que ela seleciona, exclui, inclui, remonta acontecimentos que ajudam a construir a identidade dos sujeitos humanos com aquelas informações que fazem mais sentido para cada um e cada uma, é ela que constrói a história de todos e todas nós.

São as narrativas que nos ajudam também a compreender o processo histórico e suas dinâmicas, uma vez que a escrita da história é uma narração, um texto interpretativo em que a historiadora/historiador reconta fatos da realidade através de um processo de mediação, de interpretação desses fatos, que são analisados e reconstruídos sob a forma narrativa. A historiografia é, portanto, um trabalho de reflexão criadora em que, como traz Nancy Malaver Cruz (2013, p.40) “el historiador, en su afán de desentrañar lo que ‘realmente’ sucedió, necesariamente pone en funcionamiento su inventiva, es decir, su capacidad creadora”. Pensando nisso, quais são os pontos de encontro e afastamento entre literatura e história? Ou, melhor dizendo, no processo de narrar o nosso cotidiano, como a literatura pode influenciar a história e vice-versa?

A literatura permite pensar outras interpretações possíveis do passado e também do futuro, alimentando a imaginação criadora e tornando possível a atividade de recordação e de esquecimento, ambos atributos da faculdade da memória. A história acolhe discursos diversos, presentes em documentos e testemunhos, dispondo-os em forma de uma narrativa, e o texto historiográfico é também composto por elementos ficcionalizados e representacionais tal qual o texto literário, com a

### Building the way

diferença de que aquele é um produto discursivo que interpreta os fatos acontecidos. Ambas, história e literatura, usam a narração para representar a realidade (Cruz, 2013) e, assim como a história serve de inspiração para a literatura, a literatura pode servir de fonte para o conhecimento histórico, pois retrata costumes e memórias de uma determinada época.

27

E neste entrelaçar entre história e literatura, temos a emergência do chamado Romance Histórico, esta narrativa que reflete sobre a própria escritura historiográfica e sobre o desenvolvimento histórico, fazendo uma mediação entre a realidade, os fatos e os acontecimentos e buscando na história o material para a ficção. Produto do nacionalismo romântico, como definido por Perry Anderson (2007), este tipo de romance, que desponta sobretudo a partir do século XIX, borra as fronteiras entre ficção e realidade e, na perspectiva de György Lukács (2011), não é simplesmente uma narrativa ambientada em um determinado período do passado, mas é, antes de tudo, uma forma literária que reflete as contradições e mudanças fundamentais da sociedade, focando não somente em personagens históricos distintos e heróis da pátria, mas, sobretudo, tendo como protagonista a própria história e como esses eventos atravessam e impactam a vida de homens e mulheres comuns, a dinâmica social das massas. Na contemporaneidade, o romance histórico ainda se faz presente e, em consonância com os diversos movimentos que repensam o discurso historiográfico através das margens, agora o gênero se empenha em construir um novo olhar e uma nova relação com a temporalidade ocidental, reinterpretando o passado e o reescrevendo a partir do ponto de vista dos excluídos da história.

Desta forma, é pensando nesta relação entre o romance histórico, a história e a literatura que neste artigo vou analisar o romance *Carta à Rainha Louca* (2019) da escritora brasileira Maria Valéria Rezende, pensando a obra enquanto uma narrativa histórica contemporânea, que não apenas retrata as condições de uma época, mas, principalmente, tece uma perspectiva crítica a respeito da condição feminina no período colonial brasileiro. Para isso, a obra foi compreendida e interpretada à luz das teorias do romance histórico de Lukács (1936) e, para contrapor as ideias do autor, buscou-se também artigos que tratavam sobre o romance histórico contemporâneo na América Latina, conforme proposto por Vera Follain Figueiredo (1997) e Maria Eloisa Rodrigues Nunes (2011), além das reflexões de Frederic Jameson (2007) sobre as

### Building the way

possibilidades do romance histórico na atualidade. E, para compreender a história das mulheres e a condição feminina no passado, buscamos os estudos de Gerda Lerner (2019 e 2022) sobre a criação do patriarcado e também em Michelle Perrot (2007) e Silvia Federici (2017).

## **Romance Histórico e o Romance Histórico Contemporâneo**

28

Em entrevista ao jornal Correio Braziliense (2019), a escritora Maria Valéria Rezende contou que, em 1982, durante uma viagem a trabalho pela Europa, ao visitar os arquivos ultramarinos em Lisboa, um acervo histórico que reúne documentos textuais que contam a história dos portugueses e suas ex-colônias, ela se deparou um texto muito curioso, uma carta endereçada à coroa portuguesa escrita por uma senhora que mantinha uma casa para acolher mulheres “sobrantes”, como diz a autora, ou seja, aquelas mulheres que não serviam para o casamento por serem pobres, nem para escravas, por serem brancas. A mulher era acusada de fundar uma ordem religiosa, o que era proibido e, por isso, escreveu a carta para se defender das acusações.

Inspirada por este relato, cercado de resistência e coragem, Maria Valéria lança, em 2019, o seu *Carta à Rainha Louca*, um romance epistolar e histórico, narrado em primeira pessoa e que conta a saga de Isabel das Santas Virgens, uma mulher branca e pobre, filha de um capataz de engenho que, presa no convento do Recolhimento da Conceição, em Olinda, escreve à rainha Dona Maria I com o intuito de narrar sua trajetória, suas memórias e, de certa forma, denunciar as opressões de que são vítimas principalmente as mulheres na colônia brasileira. A história contada por Isabel compreende seus escritos endereçados à rainha de Portugal, Dona Maria I, que ficou conhecida como “a rainha louca”. Os relatos compreendem os anos de 1789 a 1792 e podem ser divididos em quatro partes: a primeira e segunda partes, que compreendem os anos de 1789 a 1790, são marcadas pela descrição de eventos de forma desordenada, o que condiz com a própria situação da personagem, encarcerada e lutando contra a pecha de louca a ela imposta. Neste momento, ela vai narrar a saga da sua vida, de início sem seguir uma ordem cronológica precisa; sua história vai e volta ao passado várias vezes, e ela fala de sua vida como criada na companhia de Blandina, moça branca filha de um rico aristocrata da região. Esta se

### Building the way

apaixona por um aventureiro, Diogo Lourenço, engravida e, para não envergonhar o pai diante de sua perdição, é enviada a um convento, o Convento do Desterro, na Bahia, juntamente com Isabel, que foge para ficar ao lado da moça.

No Convento do Desterro, as moças ficam acompanhadas das escravas Engrácia e Bernarda, até que Blandina morre, então Isabel começa uma trajetória pelos rincões do Brasil colonial, acompanhada das escravas, se travestindo de homem para sobreviver neste ambiente hostil, sobretudo às mulheres, escrevendo e falsificando documentos e poemas para sobreviver, no período do ciclo do ouro na região de Minas. Traída pela sua própria biologia, Isabel fica menstruada, descobrem que, na verdade, ela é uma mulher, e ela então é presa em Sabará, até ser resgatada pelo antigo escravo do pai, Gregório. Os dois então fogem rumo a Vila Rica, onde sobrevivem, e Isabel torna-se uma beata conhecida, estabelecendo uma comunidade de acolhida para mulheres rejeitadas, o que a leva a ser novamente encarcerada, desta vez em Olinda. Esses últimos acontecimentos datam dos anos de 1791 a 1792 e, aqui, a personagem retoma acontecimentos já relatados anteriormente, além de falar um pouco mais sobre sua própria vida, suas lembranças, seus sofrimentos e descobertas.

Pensando no enredo da história, além de se basear em um fato acontecido no passado, quais são os elementos que vão então fazer com que este romance epistolar possa ser definido como uma narrativa histórica? Para compreendermos esta narrativa enquanto tal, faz-se necessário primeiramente pensar o romance histórico clássico como teorizado por Lukács (1936). Nos pensamentos do autor, o que chamamos de Romance Histórico trata-se desta narrativa que retrata de forma realista as contradições e dinâmicas da história em relação aos indivíduos. Para o autor, o romance histórico “verdadeiro” seria aquele capaz de compreender a realidade social e narrá-la de uma forma autêntica, refletindo as contradições sociais e retratando as condições materiais que moldam nossa existência, dando-lhe um efeito de realidade.

O realismo, para o autor, seria então esta forma específica de compreensão da realidade em que o/a escritor/escritora captura não apenas a superfície aparente da sociedade, mas compreende dialeticamente a perspectiva histórica, desvelando de que forma o processo histórico e seus acontecimentos interferem na vida das pessoas e moldam sua realidade. Para ele “[...] toda grande arte é realista, na medida em que reproduz momentos típicos do processo evolutivo da humanidade” (Coutinho, 2008,

### Building the way

p.08). Nesta perspectiva, para Lukács o romance histórico não apenas descreve eventos históricos, mas também reflete sobre eles. O autor busca compreender as implicações mais profundas dos acontecimentos históricos e as influências sobre a sociedade.

Para isso, o teórico vai enfatizar a importância da representação da totalidade histórica na obra literária. Isso quer dizer que a literatura deve se preocupar em retratar o desenvolvimento social como um todo interconectado, em que os diversos elementos da sociedade, como economia, política, cultura e ideologia, estão interligados e influenciam-se mutuamente. Neste sentido, essa ideia de totalidade implica reconhecer as complexas relações entre as diferentes esferas da vida social e entender como as mudanças em uma área podem afetar e serem afetadas por mudanças em outras áreas.

Pensando, portanto, no romance histórico como teorizado por Lukács, quais seriam então as características que definiriam a obra de Maria Valéria Rezende enquanto uma narrativa que retrata essa perspectiva das condições históricas no texto literário? Podemos definir esta narrativa moderna enquanto uma obra do gênero? Como dito anteriormente, a autora baseou-se num caso real para então criar a sua história; além disso, ela tenta emular, através da linguagem, jeitos e vocabulários típicos do ano de desenvolvimento da narrativa, a saber, o século XVIII, porém apenas estes fatores não servem para compreender o romance enquanto uma obra histórica. Para além dessas características, o que mais caracteriza *Carta à Rainha Louca* como um romance histórico é, sobretudo, sua capacidade de representar a história influenciando e atravessando a vida dos/das personagens, das massas. É assim que, pelo relato de Isabel das Santas Virgens podemos compreender o desenvolvimento do patriarcado ocidental e dos efeitos do colonialismo em terras brasileiras e como esses sistemas impactam as relações sociais na então colônia e, principalmente, a vida das mulheres, personagens centrais no romance. Como elaborado por Denise Gabriel Witzel e Níncia Cecília Ribas Borges Teixeira (2020, p. 247):

Ao narrar sua trajetória e as múltiplas dificuldades sofridas por mulheres, escravos e vulneráveis no final do século XVIII no Brasil, ela nos lega um discurso sobre as verdades historicamente construídas sobre a mulher, instigando-nos a analisar os silêncios e os retornos, as permanências e as movências de discursos que instalaram o ser feminino em um regime particular de (in)visibilidade normatizado, sobretudo, por ideais de conduta com relação a sua sexualidade.

Assim, tais discursos que apagam e invisibilizam a história das mulheres e sua resistência, é desvelado na narrativa que, para além de representar violências, fala também sobre a resistência das mulheres que, como analisado por Gerda Lerner (2019), sempre encontraram meios de sobressair em meio às normas rígidas do patriarcado.

A escolha dessa protagonista, marcada enquanto uma mulher louca, demonstra o tratamento dado às mulheres que se desviam das normas de conduta aceitas pela colônia. Além disso, a reclusão dessas mulheres em uma instituição religiosa demonstra de que forma se davam as relações de gênero nesse futuro país em formação, com as mulheres ocupando um lugar sempre subalternizado mas, mesmo assim, ainda encontrando meios de resistências mínimas em meio à violência. Essa resistência é retratada não somente na própria forma da escrita, que apresenta as cartas de Isabel com trechos rasurados, demonstrando a luta da personagem contra si mesma e contra este mundo, que insiste em dizer que uma mulher que lê e age por si está enlouquecida, como também tenta apagar, para os inquisidores e para si mesma, os vestígios da análise que ela mesma faz do mundo que a cerca.

[...] Rainha sois, mas nem por isso sois menos mulher, e sofrer e chorar é o quinhão de todas as filhas de Eva, não obstante sua condição neste mundo, ~~porque em todas as condições aqui nestas colônias, em África, nas Índias, na China ou no Reino, no paço real ou na mais pobre aldeia do Vosso Império, estão submetidas às leis dos homens que muito mais duras são para fêmeas e só para elas se cumprem, pois todos os seus pais e irmãos e maridos e filhos e varões quaisquer, clérigos ou seculares, só as querem para delas servirem-se e para dominá-las como aos animais brutos se faz, blasfemando vergonhosamente ao emprestar-lhe a Deus Nosso Senhor tão cruel desígnio~~ (Rezende, 2019, p.10).

As rasuras representam essa luta de Isabel contra si mesma, para se conformar e se adaptar aos papéis sociais impostos pela sociedade de então, bem como seu conflito interno que resvala entre o medo de falar e então internalizar a alcunha que o sistema religioso e patriarcal lhe imputou, e a vontade e a necessidade de denunciar as violências em relação a seu sexo. Por isso ela decide escrever a uma mulher, esta também uma vítima do poder dos homens e também considerada louca, embora louca, segundo a historiadora brasileira, Mary Del Priore (2019), ela não fosse,

### Building the way

ao contrário, era apenas uma mulher que sofria pelos mandos e desmandos do patriarcado.

Isabel das Santas Virgens pode ainda ser considerada uma personagem-tipo, nos moldes do que foi caracterizado por Lukács, uma vez que esta forma de construção de personagem encapsula características típicas de um grupo social ou de uma época específica. Esses personagens eram moldados pelas condições sociais, econômicas e culturais predominantes de sua época, e suas ações e características refletiam as contradições e os conflitos existentes nesta sociedade. O/a personagem-tipo são fundamentais para compreender as contradições e os conflitos sociais existentes em dado período. Nesta perspectiva, Isabel representa as mulheres das camadas médias da população, as mulheres pobres, ou “sobrantes”, como definiu a autora, e mais, Isabel “(re)atualiza, interdiscursivamente, as vozes ditas ou pressupostas de um sem número de mulheres que foram vigiadas e punidas pelos dispositivos dos poderes soberano e patriarcal, ajustados ao poder pastoral” (Witzel, Teixeira; 2020, p.248). Essas mulheres, por não se casarem ou não viverem sob o jugo de uma figura masculina, são até mesmo consideradas não mulheres, não dignas e, portanto, passíveis de serem acometidas pelas mais diversas violências e necessitadas de serem tuteladas.

Ao colocar como protagonista uma mulher branca das camadas pobres da população, Maria Valéria Rezende, subverte também a autoridade de quem tem o direito de narrar a história. Se os fatos históricos são contados a partir da perspectiva dos vencedores, ou seja, de quem detém o poder na sociedade, ao tomar para si, enquanto um ato também de resistência, a capacidade da leitura e da escrita, Isabel rompe com o silenciamento legado à história das mulheres e dos vencidos, contando a narrativa a partir da sua perspectiva que é a perspectiva de quem foi esmagado pelo discurso histórico, que servia para contar o feito de grandes homens e suas visões de mundo.

Com isso, se, segundo Perry Anderson (2007, p. 206) no romance histórico tradicional, mais especificamente na obra de Walter Scott, nos é apresentado uma “visão do passado que respeita os perdedores mas sustenta a necessidade histórica dos vencedores” e que entende a história como progresso, como desenvolvimento, a partir do século XX, com as mudanças empreendidas na forma mesmo como os fatos

### Building the way

históricos são compreendidos, agora, não mais como progresso mas como produção de forças conflitantes, a forma mesma do romance histórico também vai se alterar.

O romance histórico perde força no período entreguerras, segundo Anderson (2007), retomando a sua vitalidade em tempos pós-modernos, porém agora definido principalmente por este movimento de se voltar ao passado para descobrir os germes das tragédias humanas, presentificando o ontem com o intuito de desvelar as origens das nossas opressões e, mais especificamente, olhando para trás com o intuito de se repensar as grandes narrativas, que agora têm como protagonistas aqueles que foram excluídos dos discursos oficiais, e, ainda, o romance histórico pós-moderno, subverte a lógica dos romances clássicos do gênero de forma que

[...] virtualmente todas as regras do cânone clássico, tais como explicitadas por Lukács, são desprezadas e invertidas. Entre outros traços, o romance histórico reinventado para pós-modernos pode misturar livremente os tempos, combinando ou entretecendo passado e presente; exibir o autor dentro da própria narrativa; adotar figuras históricas ilustres como personagens centrais, e não apenas secundárias; propor situações contrafactuais; disseminar anacronismos; multiplicar finais alternativos; traficar com apocalipses (Anderson, 2007, p. 217).

Hibridismo de gênero, pluralidade de vozes, reinterpretação e reescritura da história, exploração de temas sociais atuais e este movimento que pensa a narrativa a partir do olhar dos vencidos, são todas características que definem este romance histórico contemporâneo e que podemos encontrar na narrativa de Maria Valéria Rezende, de forma que é pela perspectiva de uma mulher que conhecemos os meandros do mandos e desmandos dos homens em um Brasil colonial. Além disso, o romance mistura a perspectiva histórica ao gênero epistolar, que não apenas demonstra esse hibridismo, mas também coloca nas mãos e na pena de uma mulher o direito de contar as suas próprias desventuras e, assim, contar também a vida e os dissabores de suas semelhantes, pensando a história a contrapelo, no reverso do discurso oficial.

Portanto, se o romance histórico clássico retrata e se dedica a compreender o jogo de forças sociais que constroem a história, ultrapassando o que está posto, o que está na aparência imediata, dando condições de se pensar a respeito do “ser assim” das nossas relações, da nossa história, no romance histórico contemporâneo o intuito principal é de reconstruir, repensar e reescrever os discursos, pensando

### Building the way

novas interpretações do passado, fugindo da ideia de uma verdade inquestionável e, ao contrário, primando pela noção do fato histórico como imbuído de diversas verdades e interpretações (Botoso, 2011). Em *Carta à Rainha Louca*, a reescritura da história se reflete não apenas no fato de a protagonista da história ser uma mulher, mas na característica mesma da forma do romance, que se utiliza das rasuras nas cartas escritas por Isabel para representar também a reescritura da história.

34

Assim, a revisão do texto ficcional pode significar tanto a autocensura da autora das cartas em relação a seus pensamentos dissidentes, considerados à época sinônimo de desajuste, como a censura imposta pelos mecanismos repressores, que condenam as narrativas que vão de encontro aos discursos do que é aceito oficialmente e também o próprio movimento de revisão da história, afinal, embora se queira apagar as violências a que estavam (e estão) sujeitas as mulheres, a população negra e indígena, a população pobre, os traços de sua existência continuam, mesmo que censurados e invisibilizados pelas rasuras do sistema e do discurso oficial aceito.

~~[...] embora muitos digam, e eu mesma às vezes o creia, que bem sabeis de tudo isso, mas aos grandes deste mundo, como sóis Vós, pouco importam os que nada temos, como nós as mulheres pobres desta terra, os indígenas massacrados e roubados, os infelizes africanos trazidos à força de suas ricas terras para morrer em meio ao mar oceano de águas revoltas ou ao mar de canas verdes onde poucos sobrevivem mais que uns poucos anos - eles que, nas palavras do Pregador António Vieira, só por suas dores já são a mais perfeita imitação do Cristo - sacrificados todos em trabalhos desumanos em nome da evangelização dos pagãos da glória de Vossa Coroa e da riqueza do reino de Portugal e de seus nobres (Rezende, 2019, p.67).~~

No trecho, Isabel desvela a condição a que estavam submetidas/submetidos aquelas/aqueles à margem do poder na colônia e, ao denunciar esses conflitos sociais, a autora denuncia também como este passado de violência é historicamente localizado e sua herança de terror ainda sobrevive na contemporaneidade, neste movimento de trazer o passado para o presente, como forma de resgate e compreensão da história por outra perspectiva. Ao falar da discriminação das mulheres pelo patriarcado, a autora fala também da misoginia que ainda impera, de forma que, compreendendo a sujeição histórica do “segundo sexo”, compreendemos também as forças e as relações sociais que ainda pensam e mantêm a contribuição feminina sujeita a silenciamento e invisibilização. Desta forma, na próxima sessão, vou analisar de que forma a narrativa contada por Maria Valéria

v. 14, n. 2

### Building the way

Rezende se dedica a compreender historicamente a sujeição e a condição feminina no Brasil Colônia.

## **Carta à Rainha Louca e a Condição Feminina no Período Colonial**

35

A nossa historiografia é profundamente marcada por retratos de mulheres, tanto pictóricos quanto narrativos, que constroem a imagem feminina através dos séculos, uma avalanche de discursos os mais variados que se dedicavam a pensar o papel das mulheres na construção da história. Toda essa imagética, principalmente a que ajudou a elaborar o discurso da nossa formação social, como analisado por Michelle Perrot (2019), ignorava a contribuição ativa feminina e mesmo o que as mulheres pensavam de si mesmas. Ao contrário, as mulheres foram narradas em profusão pelo olhar masculino, que entendia o fluxo da história como um trabalho de homens para homens, que construíram a noção de história apagando e negligenciando o que as mulheres pensavam e entendiam, e os próprios artefatos e trabalho feminino que também moldaram a civilização.

As mulheres tiveram seu papel relegado apenas a essa leve sombra no teatro da memória (Perrot, 2019), tramando e costurando nas coxias da história sem que seu trabalho de base e reprodução da vida fosse considerado de valor e importância para o estabelecimento do desenvolvimento e do progresso. No entanto, elas estiveram sempre lá, criando, inventando, escrevendo, porém suas conquistas, sua história, foram negadas e silenciadas para uma noção de história universal entendida como apenas aquilo que os homens fizeram, criaram e pensaram. É por isso que, quando se pensa no surgimento do patriarcado, há uma noção estabelecida historicamente pela religião e também pela ciência, ainda calcada na opressão sexual, de que este fenômeno sócio-histórico é natural e universal e, como traz Gerda Lerner (2019), ao naturalizar a sujeição das mulheres e sua posição na sociedade como inferior, justificada por fatores religiosos e biológicos, considera-se também imutáveis os próprios termos de sua submissão. Entretanto, como mostra a historiadora, o patriarcado nasce na história e, portanto, é na história que ele também morrerá.

Em *Carta à Rainha Louca*, o que a autora faz é resgatar essa parte pouco contada da história do Brasil, o papel, a participação e a sujeição das mulheres no estabelecimento desse sistema de opressões na nova colônia, e como muitos dos

### Building the way

aspectos de submissão narrados por ela ainda reverberam na vida das mulheres do presente, uma vez que, Maria Valéria Rezende “[...] se vale de uma personagem feminina inserida num contexto histórico distante, primeiro para pontuar a resistência dessa mulher, bem como descortinar toda uma cadeia de autoritarismo e perversão que permanece intocada” (Jesus, 2021, p. 260). É pela escrita de resistência de Isabel das Santas Virgens que compreendemos o desenvolvimento desse sistema opressor, o patriarcado, que se estabelece como uma imposição do pensamento colonial europeu que, segundo Gerda Lerner (2019), se imbrica nas dinâmicas sociais das sociedades pré-patriarcais de então, impondo uma hierarquia de gênero e definindo as mulheres enquanto inferiores e dependentes.

Resgatando a participação das mulheres na história, é pela pena da nossa personagem-narradora que sabemos a respeito do controle do corpo e da vida feminina pelas figuras patriarcais dos pais, dos padres, dos homens que mantinham as mulheres sob seu controle.

Isabel, em seu afã de escrever para ordenar os pensamentos e não enlouquecer, denuncia: “[...] não podereis compreender o quanto somos nós, as mulheres desta terra, usadas e abusadas por todos aqueles que aqui detêm o poder e nunca, por nenhuma razão, abrem mão dele, nem sequer por amor de nosso Senhor Jesus Cristo” (Rezende, 2019, p. 66). É pela escrita que a personagem consegue acessar sua subjetividade, sendo aqui o ato de escrever um ato de subversão e resistência a que, não apenas na ficção, mas no transcurso da história, as mulheres se dedicaram, tanto como uma forma de ganhar dinheiro (e, aqui na narrativa analisada, a personagem escreve também para sobreviver em termos materiais), como uma forma de narrar e expressar seus próprios sentimentos, segundo Gerda Lerner (2022, p. 213):

Apenas alguns exemplos precisam ser dados do gênero de escrita das mulheres sobre a própria experiência. Elas escreveram a respeito da própria vida, aflições, decepções amorosas, o pesar da morte dos filhos, o prazer da amizade, o temor e amor a Deus. Essa é a forma mais antiga e persistente pela qual as mulheres expressavam suas vozes.

É escrevendo que as mulheres de então conseguiam acessar os recônditos da própria alma embotados pela narrativa que fizeram delas os homens, uma vez que, “por ser tão bom remédio para a alma e o juízo o simples poder de escrever e ordenar

### Building the way

no papel as ideias e as palavras” (Rezende, 2019, p.66). As mulheres sempre escreveram, na maioria das vezes narrativas íntimas, diários, “uma escrita privada, e mesmo íntima, ligada à família, praticada à noite, no silêncio do quarto, para responder às cartas recebidas, manter um diário e, mais excepcionalmente, contar sua vida” (Perrot, 2019, p. 28), ou seja, uma escrita voltada à narrativa de suas experiências íntimas, próprias do lugar que era legado às mulheres no sistema colonial, o espaço doméstico e de reclusão.

37

Com isso, se Maria Valéria Rezende opta por resgatar e ressignificar essa história de uma mulher que realmente existiu, escreveu cartas e estabeleceu uma comunidade neste espaço do Brasil Colônia, ela fala também sobre essas mulheres, relegadas tão somente ao espaço da vida privada, tendo a pena como companheira para contar a história das experiências femininas, e que acabaram por contar a narrativa das relações sociais nos espaços íntimos, a história da vida privada que se mescla à Grande História, afinal, os espaços domésticos também constroem, atravessam, e são atravessados pelo histórico, pelos conflitos, dissidências e relações que se refletem também no espaço público. Ao partir da perspectiva de uma mulher no período colonial que lia, escrevia e apreciava a atividade da escrita, a autora resgata ainda a contribuição feminina para as letras, contribuição essa ainda muito silenciada e apagada, principalmente quando pensamos num período que precede o século XIX, com sua profusão de narrativas de mulheres.

Para além da escrita, outro fato histórico que reverbera na obra de Maria Valéria Rezende e que perpassa a vida de suas personagens é o fenômeno da Caça às Bruxas. Como analisado pela teórica italiana Silvia Federici, este período da história, que ocorreu principalmente nos séculos XVI e XVII na Europa, não foi apenas uma perseguição supersticiosa a mulheres acusadas de praticar bruxaria, mas também um fenômeno ligado à transformação do sistema econômico e social. Segundo Federici, as mulheres eram alvo da caça às bruxas porque desempenhavam papéis importantes nas comunidades, muitas vezes envolvendo conhecimentos sobre medicina, ervas e práticas alternativas de cura. Além disso, foram as mulheres que resistiram inicialmente ao desenvolvimento do sistema de acumulação primitiva que deu origem ao capitalismo, através das diversas comunidades que encontravam nessas figuras femininas sua força de resistência e, justamente por esse papel ativo

### Building the way

antissistema é que se deu a perseguição e morte de mulheres que não se conformavam caladas com o poder patriarcal em expansão.

Para Silvia Federici (2017, p. 45), “a luta contra o poder feudal produziu também as primeiras tentativas organizadas de desafiar as normas sexuais dominantes e de estabelecer relações mais igualitárias entre mulheres e homens”, o que demonstra, não apenas que as mulheres sempre estiveram engajadas nas lutas e levantes sociais e não vítimas passivas do poder local, mas, sobretudo, que foram elas as primeiras e mais engajadas em resistir às opressões de um capitalismo primitivo em expansão, criando comunidades autogeridas em que grupos de mulheres compartilhavam conhecimentos, práticas de cura e formas de resistência contra as crescentes pressões sociais e econômicas que se intensificaram com a transição para o capitalismo.

Em *Carta à Rainha Louca*, a personagem narradora é, ela mesma, vítima desse discurso jurídico e religioso que imputou às mulheres dissidentes e desobedientes a alcunha de bruxas. Isabel das Santas Virgens se mostra bastante consciente das mazelas sociais a que são submetidas as mulheres e a população à margem do poder colonial, relegadas à periferia da colônia, sem acesso a saúde, educação ou qualquer meio digno de sobrevivência. A essa população cabia apenas a lida do trabalho diário e a subserviência às classes dominantes. O caminho de Isabel pelas incertezas desse mundo dominado pelo capital e pela submissão dos menos abastados é também o caminho do desenvolvimento da sua própria consciência social, e em suas cartas ela relata à rainha, sua interlocutora:

Porque nestas colônias que se dizem Vossas, mas são mais do Demônio do que Vossas, é assim que se vive quando não se tem rendas, tratados os cristãos pobres como se fossem menos do que os animais de trabalho” (Rezende, 2019, p. 11).

E é com essa consciência que a personagem é aclamada como uma líder beata e religiosa que, no final de sua saga pela colônia brasileira, cria, em Minas Gerais, uma casa de acolhida para essa população carente, mais especificamente para mulheres que, como ela, eram sobrantes neste Brasil em formação. É por causa dessa sua ação que ela é presa, acusada de feitiçaria, e enviada para o Recolhimento em Olinda, onde será julgada pelo crime de ser uma mulher que ousou agir para além do sistema colonial de então. A criação dessa comunidade de acolhida encontra

### **Building the way**

paralelos na nossa história, com comunidades religiosas que realmente existiram, como foi aquela criada por Benedita Cypriano Gomes, a Santa Dica, na região do município hoje conhecido como Lagolândia, mostrando, mais uma vez, a história reverberando no texto e seu fluxo atingindo e moldando as relações sociais dos e das personagens.

Ao falar sobre a Caça às Bruxas, mais uma vez a autora fala também da vida de meninas e mulheres que tiveram suas existências esmagadas e atravessadas pelo desenvolvimento do capital e do patriarcado que nublaram a contribuição feminina na construção da história. E mais, ao subverter o discurso do romance histórico clássico que, embora como defendido por Lukács (1936), também deveria ter esse compromisso em ir além da aparência imediata dos fatos, pensando criticamente sobre os conflitos e as relações sociais que moldam o discurso histórico, ainda assim baseava-se, sobretudo, em pensar essa história construída pelo olhar masculino, pela ação dos homens e não pelo trabalho das mulheres.

### **Considerações Finais**

Ao centrar sua narrativa na voz, nos escritos de uma mulher parte de uma camada dissidente da população brasileira no período colonial, Maria Valéria Rezende opta por contar uma narrativa atravessada pelo histórico, que parte do ponto de vista dos excluídos da história, daqueles e, principalmente, daquelas que tiveram sua contribuição e suas vozes silenciadas pelo discurso oficial. Neste sentido, em consonância com a perspectiva da Nova História, que orienta o desenvolvimento do romance histórico contemporâneo, a autora prima por reescrever e ressignificar a participação feminina, suas relações sociais, suas experiências de vida no Brasil Colonial.

Tratando-se de um romance híbrido, em que a narrativa epistolar se entremeia com o discurso histórico, a autora foca em pensar a condição feminina na colônia, narrando as condições históricas do desenvolvimento do patriarcado em nossa nação mas de forma que não silencia a ação e reação das mulheres, suas memórias e vivências, mas, ao contrário, opta por falar a partir da história das mulheres, resgatando não somente suas opressões, mas seus caminhos de resistência, com uma trama que reelabora o fenômeno da caça às bruxas enquanto

### Building the way

este movimento de subjugação das mulheres que lutaram contra as opressões da acumulação primitiva de um capitalismo em nascimento, como definido por Silvia Federici (2017).

Desta forma, ao falar dos conflitos e relações sociais no novo mundo, Maria Valéria fala também sobre a história do patriarcado em terras brasileiras, contando de que forma este fato histórico atravessa a vida das personagens, sobretudo as personagens mulheres, que são definidas como loucas se resistem às agruras da submissão ao regime dos homens e têm suas vidas dizimadas ao menor sinal de desvio da norma, afinal, neste mundo em que vale a lei dos homens, as mulheres são meros objetos, peças a serem trocadas quando seu funcionamento não condiz com o que foi determinado pelo poder do patriarca.

Desconstruindo as narrativas e o discurso histórico hegemônico, ainda contado pela perspectiva branca, patriarcal, que se entende por universalizante, a autora conta uma outra face do período colonial brasileiro, face esta que parte daquele discurso que se encontra à margem, aquele discurso apagado por décadas e séculos de repressão e violência, que silenciava vozes dissidentes, relegando-as ao rio do esquecimento da memória. Assim, mesmo reverberando em sua narrativa fatos e acontecimentos históricos que partem dessa História Oficial, a autora o faz refutando, ressignificando e contando este atravessamento da história nos personagens, por meio da rasura, da reescritura deste discurso hegemônico que, diferentemente do que nos foi contado até então, encontrou sim resistência e desobediência de uma população que não ficava apenas a esperar os golpes da chibata, mas que lutou, sangrou, morreu e ainda sim teve sua contribuição à construção da nossa nação invisibilizada.

Portanto, entendo que *Carta à Rainha Louca* trata-se de um romance histórico em que o método realista, como analisado por Lukács, pode ser encontrado, afinal, a autora, através da narrativa de Isabel das Santas Virgens, ela mesma uma personagem-tipo, que representa este arquétipo que transcende a singularidade individual para representar e expressar aspectos mais amplos das contradições e dinâmicas sociais, vai além da aparência imediata do fato histórico, analisando em profundidade esta sociedade em formação e pensando os conflitos e as contradições desta colônia em desenvolvimento, explorando o modo de vida, as subjugações e as

### Building the way

relações sociais de então, pensando, sobretudo, de que forma o patriarcado colonial atingia a vida das mulheres, esmagando sua história e seu próprio senso de sanidade.

## REFERÊNCIAS

ANDERSON, Perry. Trajetos de uma forma literária. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n. 77, p. 205-220, 2007

BOTOSO, Altamir. A reescritura, a paródia e o hibridismo como marcas pós-modernas do romance histórico contemporâneo. **Fólio — Revista de Letras**, Vitória da Conquista, v. 2, n. 3, p. 11-27, jul/dez 2011

COUTINHO, Carlos Nelson. Apresentação In: LUKÁCS, Georg. **Marxismo e teoria da literatura**. 2. ed. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Expressão Popular, 2008. p. 07-11.

DEL PRIORE, Mary. **D. Maria I: as perdas e as glória da rainha que entrou para a história como “a louca”**. São Paulo: Benvirá, 2019

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Elefante, 2017

FIGUEIREDO, Vera Follain de. O romance histórico contemporâneo na América Latina. **Revista Brasil de Literatura**. Rio de Janeiro: 1997. Também disponível em: <http://members.tripod.com/~lfilipe/Vera.html>. Acesso em: 08/2023

HUSTON, Nancy. **A espécie fabuladora**. Porto Alegre: L&PM, 2010

JAMESON, Frederic. O romance histórico ainda é possível? Tradução de Hugo Mader. **Novos Estudos**, São Paulo: CEBRAP, n. 77, mar. 2007

JESUS, André Luís Gomes de. História e Ficção em Carta À Rainha Louca, de Maria Valéria Rezende. **Revista de Literatura, História e Memória**, Cascavel, v. 17, n. 30, p. 255-269, fev. 2021.

LERNER, Gerda. **A Criação do Patriarcado**. São Paulo: Cultrix, 2019.

LERNER, Gerda. **A Criação da Consciência Feminista**. São Paulo: Cultrix, 2022.

LUKÁCS, György. **O Romance Histórico**. São Paulo: Boitempo, 2011

MACIEL, N. Maria Valéria Rezende lança Carta à rainha louca. **Correio brasileiro, Brasília**, s/p, 15/04/2019. Disponível in: [https://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2019/04/15/interna\\_diversao\\_arte,749491/maria-valeria-rezende-lanca-carta-a-rainha-louca.shtml](https://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2019/04/15/interna_diversao_arte,749491/maria-valeria-rezende-lanca-carta-a-rainha-louca.shtml). Acesso em: 20/11/2023.

**Building the way**

MALAVAR CRUZ, Nancy. Literatura, história e memória. **Hallazgos** [online]. 2013, vol.10, n.20, pp.35-47.

NUNES, Maria Eloísa Rodrigues. **Romance Histórico Contemporâneo: Com a Palavra, a Mulher**. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, p. 228. 2011.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2019.

REZENDE, Maria Valéria. **Carta à Rainha Louca**. Rio de Janeiro: Alfabeta, 2019.

WITZEL, Denise Gabriel; TEIXEIRA, Níncia Cecília Ribas Borges. DISCURSO E MEMÓRIA DE UMA MULHER DESOBEDIENTE EM CARTA À RAINHA LOUCA. **Interfaces**, [S.L.], v. 11, n. 4, p. 246-258, nov. 2020. GN1 Genesis Network. <http://dx.doi.org/10.5935/2179-0027.20200074>.